CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
25 de maio de 2026

PAI NOSSO – OS ÚLTIMOS DIAS DE SALAZAR / 2025

Um filme de José Filipe Costa

Realização: José Filipe Costa / Argumento: Daniel Tavares, José Filipe Costa, Letícia Simões / 1º Assistente de Realização: Nuno Milagre / Diretor de Fotografia: Vasco Viana / Diretor de Som: Rafael Gonçalves Cardoso / Diretor de Produção: Frederico Mesquita / Diretora de Arte: Cláudia Lopes Costa / Figurinista: Patrícia Dória / Caracterização: Maria Almeida (Nani) / Cabeleireira: Marisa Marques / Montagem: João Braz / Colorista: Rita Lamas / Montagem e misturas de som: Carlos Abreu / VFX: Irmã Lúcia / Música Original: João Godinho / Interpretação: Jorge Mota (Salazar), Catarina Avelar(Maria de Jesus), Vera Barreto (Aparecida), Carolina Amaral (Teresinha), Cleia Almeida (Socorro)
Produção: Filipa Reis, Uma Pedra no Sapato / Cópia: DCP, 113 min / Primeira exibição na Cinemateca

_____

COM A PRESENÇA DE JOSÉ FILIPE COSTA

_____

O que me interessou logo, à partida, nos últimos dias da vida de Salazar, não foi a figura do ditador que durou 40 anos no poder, mas a farsa montada pelas personagens para o ajudarem a acreditar que ainda era o Sr. Presidente: os que mais o reverenciam e são seus íntimos, são também os que constroem uma peça teatral bizarra e delirante, num palco que é a residência oficial do Presidente do Conselho. Salazar é a personagem principal, mas também o seu encenador. É isto que nos pasma e espanta: que dilemas enfrentam estas personagens que mentem nesta farsa? Não lhes pesa o dever de consciência de contar toda a verdade ao seu ditador? Como é que estas personagens, obedientes à moral religiosa e aos bons costumes do regime fascista, não são dilaceradas pelas contradições mais violentas? Algo que me fascina no cinema é as personagens afirmarem algo com as palavras e dizerem coisas completamente diferentes com o corpo. Ou proferirem palavras de grande felicidade e nós sabermos que arde um grande inferno na sua mente. São atormentadas por dúvidas, dilemas, paradoxos, tudo de impossível resolução, porque elas construíram as suas próprias barreiras e os seus interditos. A história da agonia de Salazar nos últimos tempos, faz-nos ver o espetáculo trágico-cómico da vida humana, em toda a sua pujança A vida das personagens está cheia de não ditos e dissimulações – um faz de conta contínuo. Por exemplo, a governanta D. Maria que cumpre e faz cumprir deveres, mantém as aparências de uma vida normal: as cartas enviadas ao Sr. Presidente que abre para vigiar o seu conteúdo; os ovos que recolhe do galinheiro, que mandou construir em São Bento; as injecções que vieram da Alemanha nazi, que é preciso dar para apaziguar o Sr. Presidente. Há que manter as aparências, custe o que custar.
Salazar é um ditador muito peculiar, quando comparado com Mussolini ou Hitler. Afirma detestar as multidões. E deseja ser um Presidente invisível. Em **Pai Nosso**, quisemos explorar essa invisibilidade que é, afinal, exuberante. Salazar está doente, mas deseja chegar aos mais recônditos cantos das almas dos portugueses. Faz de conta que não quer açambarcar o poder. Mas é o que mais deseja.

Custa-lhe desapegar-se da vida. Pois ele quis e quer ser sempre o Presidente dos portugueses, imbuído de uma missão salvadora. Ele liberta os povos primitivos dos seus costumes atávicos e trá-los para a civilização. Ele é o corpo que une esse grande Portugal, que inclui as colónias de Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, e até Goa. Salazar também foi nisso muito peculiar: a modernidade assusta-o. E repele-a. O comunismo é uma erva daninha, mas o relativismo cultural e os costumes dissolutos do capitalismo americano, não são alternativa que valha. Vive Portugal como uma grande aldeia. Nela, ouve o som apaziguador das galinhas semelhantes aquelas na capoeira nos jardins de São Bento; sonha a vida simples da família tradicional que trabalha honestamente na terra. Salazar é a garantia da pequena felicidade. Mas este fascismo está cheio de paradoxos. Ele é, afinal, uma máquina auto-devoradora. Come até aqueles que foram os seus criadores. Em **Pai Nosso** é tudo tão aberrante, tão absurdo que importa perguntar: são um ditador e um regime capazes de ensandecer? São capazes de jogar um jogo extremamente perigoso e perverso, para não perderem o poder nos tempos de hoje? Sim, são. São capazes de matar e destruir, debaixo de uma loucura inexplicável? Sim, são. Este é o filme que afirma: ao Sr. Presidente ninguém lhe disse oficialmente que ele já não governava mais! Roubaram-lhe a identidade, mas renovaram-lhe a vida hoje. Não paira sob as nossas cabeças como um fantasma? Não assume ele a pele de determinados rostos e partidos hoje? Ele ainda está vivo. Ninguém lhe disse, no fim de contas, que tinha perdido o poder. E ele está aí para nos controlar. Das notas de médico ao delírio Este filme começou por se basear sobre os diários do médico pessoal de Salazar, Eduardo Coelho, que o acompanhou até à sua morte em São Bento. Depois descolou progressivamente dessa "realidade" diarística e ganhou asas. Trabalhámos com os actores, nunca querendo copiar as figuras da vida real. Quisemos explorar a fantasia na representação. Não nos interessa o *biopic* hiper-realista, com personagens cheias de maquilhagem e próteses, que são semelhantes nos rostos, nos gestos e nas vozes às figuras que conhecemos da História.

À medida que avançámos na rodagem, deu-nos gozo a experimentação visual e sonora de certas cenas que recriam os mundos delirantes na mente e na casa do Sr. Presidente. É até possível que o espectador pense que algumas dessas cenas são o fruto alucinado da nossa imaginação. Mas não, alguns episódios estão, por mais estranho que pareça, escritos no diário do Dr. Eduardo Coelho. Salazar e as personagens de **Pai Nosso** estão sempre a um passo do abismo da loucura, mas nunca quebram as normas sociais, nem certos princípios de convivialidade. É certo que D. Maria bate nas suas criadas. Mas não é nada que saia da normalidade e da ruralidade que Salazar sonhava para dentro do seu país e dentro da sua casa. Quando escrevemos, rodámos ou montámos Pai Nosso nunca pensámos estar a filmar o fascismo. Mas era este que se insinuava nos gestos, nos silêncios e nos rostos das personagens. O fascismo das pequenas coisas, das relações de poder e da dependência entre as personagens: quem é quem, quem pode fazer o quê, quem manda em quem naquele espaço. A pequena violência fascista do dia-a-dia é capaz de infundir cada som e cada imagem – na poltrona, onde se senta Salazar, na oração sussurrada, mas também na injeção de uma substância inventada no regime nazi. Sempre, sem dar o significado que as coisas têm por palavras. Sempre deixando que os silêncios se abatam sobre as coisas.

José Filipe Costa